O desenvolvimento do subdesenvolvimento[1]

Andre Gunder Frank

I

Não podemos esperar que se formule uma teoria e uma política adequadas do desenvolvimento para a maioria da população mundial que sofre com o subdesenvolvimento sem primeiro aprender como sua história social e econômica passada a conduziu a seu atual subdesenvolvimento. Entretanto, a maioria dos historiadores estuda só o desenvolvimento dos países metropolitanos desenvolvidos e dá pouca atenção aos países colonizados e subdesenvolvidos. Por isto, a maioria de nossas categorias teóricas e de nossos manuais para o desenvolvimento têm derivado da experiência histórica dos países capitalistas avançados da Europa e América do Norte.

Dado que a experiência histórica dos países colonizados e subdesenvolvidos foi obviamente muito diferente, as teorias de que dispomos são insuficientes para refletir completamente o passado da parte subdesenvolvida do mundo e refletem o passado do mundo em sua totalidade de modo apenas parcial. E o que é mais importante, nossa ignorância sobre a história dos países subdesenvolvidos nos leva a assumir que seu passado e, portanto, seu presente parecem com os estados anteriores da história dos países agora desenvolvidos. Essa ignorância e essa presunção nos conduzem a graves erros sobre o subdesenvolvimento e o desenvolvimento contemporâneos. E mais: a maioria dos estudos do desenvolvimento e do subdesenvolvimento não têm em conta as relações econômicas e de outros tipos entre as metrópoles e suas colônias econômicas no decorrer da história da expansão e do desenvolvimento mundial do sistema mercantilista e capitalista. Por isso, a maior parte de nossas teorias não acerta ao explicar a estrutura e o desenvolvimento do sistema capitalista em sua totalidade, nem dá conta da geração simultânea do subdesenvolvimento em algumas partes e do desenvolvimento econômico em outras.

Habitualmente se afirma que o desenvolvimento econômico se produz em uma sucessão de estágios capitalistas e que os países subdesenvolvidos de hoje estão ainda em um estágio, que às vezes se descreve como estágio original da história, pelo qual os países atualmente desenvolvidos passaram há muito tempo. Porém, basta um moderado conhecimento da história para ver que o subdesenvolvimento não é original nem tradicional e que nem o passado nem o presente dos países subdesenvolvidos se parece em qualquer aspecto relevante com o passado dos países hoje desenvolvidos. Estes nunca estiveram *sub*desenvolvidos, ainda que possam ter sido não-desenvolvidos. Geralmente, se pensa

---

[1] Artigo publicado em Monthly Review, vol. 18, nº 4, setembro de 1966. Andre Gunder Frank é autor, entre outros livros, de Capitalism and Underdevelopment in Latin America, publicado pela Monthly Review Press. Este célebre artigo prenunciou a consolidação da teoria da dependência.

também que o subdesenvolvimento atual de um país pode ser entendido como produto ou reflexo exclusivamente de suas próprias características ou estruturas econômicas, sociais e culturais. No entanto, a investigação histórica demonstra que o subdesenvolvimento contemporâneo é em grande medida o produto histórico de relações econômicas e de outros tipos, passadas e atuais, que o país satélite subdesenvolvido manteve e mantém com os países metropolitanos hoje desenvolvidos. Além disso, essas relações são uma parte essencial da estrutura e do desenvolvimento do sistema capitalista em sua totalidade à escala global. Um ponto de vista relacionado a este e também amplamente equivocado é o de que o desenvolvimento desses países subdesenvolvidos e, dentro deles, das suas áreas mais subdesenvolvidas, deve ser gerado e será gerado e estimulado pela difusão de capital, instituições, valores etc. procedentes das metrópoles capitalistas nacionais e internacionais. A perspectiva histórica baseada no exame da experiências desses países subdesenvolvidos sugere, pelo contrário, que o desenvolvimento econômico nos países subdesenvolvidos só pode ocorrer atualmente de forma independente da maioria dessas relações de difusão.

As evidentes desigualdades entre as rendas e as diferenças culturais têm levado têm levado muitos observadores a identificar sociedades e economias ''duais'' nos países subdesenvolvidos. Cada uma das partes dessa dualidade é suposta como tendo sua própria história, assim como uma estrutura e uma dinâmica amplamente independentes daquelas da outra parte. Supostamente, só uma das partes da economia e da sociedade tem sido afetada de maneira importante pelas estreitas relações econômicas com o mundo capitalista ''exterior'', e essa parte, diz-se, modernizou-se, fez-se capitalista e se desenvolveu de maneira relativa precisamente graças a esse contato. À outra parte, considera-se amplamente como isolada: uma economia de subsistência, feudal ou pré-capitalista e, portanto, mais subdesenvolvida.

Pelo contrário, creio que, em conjunto, a tese da ''sociedade dual'' é falsa, e que as recomendações políticas a que conduz, se seguidas, só servem para intensificar e perpetuar as próprias condições de subdesenvolvimento que se supõe que pretendem remediar.

Abundantes provas históricas sugerem -- e estou seguro de que, no futuro, a investigação histórica o confirmará -- que a expansão do sistema capitalista nos últimos séculos penetrou de maneira efetiva e completa inclusive nos setores aparentemente mais isolados do mundo subdesenvolvido. Logo, as instituições e relações econômicas, políticas, sociais e culturais que observamos atualmente são produto do desenvolvimento histórico do sistema capitalista, em não menor medida do que o são os aparentemente mais modernos recursos capitalistas das metrópoles nacionais desses países subdesenvolvidos. De maneira análoga às relações entre desenvolvimento e subdesenvolvimento no nível internacional, no nível nacional observamos que as instituições aparentemente subdesenvolvidas das zonas chamadas atrasadas ou feudais de um país subdesenvolvido são também a consequência de um processo histórico de desenvolvimento capitalista, na mesma medida em que o são as chamadas instituições capitalistas das zonas supostamente mais avançadas do mesmo país. Neste artigo, eu queria esboçar os tipos de argumento que dão suporte a essa tese e, ao mesmo tempo, indicar as linhas de estudo que as investigações futuras poderiam

explorar de maneira frutífera.

II

O secretário geral do Centro Latino-Americano para a Investigação nas Ciências Sociais escreve em uma revista que se diz centrista: ''A posição privilegiada da cidade tem sua origem no período colonial. Foi fundada pelo conquistador para servir aos mesmo fins a que serve hoje: incorporar a população indígena à economia trazida e desenvolvida pelos conquistadores e seus descendentes. A cidade regional foi um instrumento de conquista e é ainda hoje um instrumento de dominação''. [1] O Instituto Nacional Indigenista do México confirma tal afirmação quando pontua que ''a população mestiça vive de fato sempre em uma cidade, no centro de uma região intercultural que atua como metrópole de uma zona de população indígena e que mantém com as comunidades subdesenvolvidas uma estreita relação que vincula o centro às comunidades satélites''. [2] E o instituto segue sublinhando que ''entre os mestiços que vivem na cidade núcleo da região e os índios que vivem na zona rural existe na realidade uma interdependência econômica e social mais estreita do que pode parecer à primeira vista'' e que as metrópoles provinciais, ''ao serem centros de comércio, são também centros de exploração''. [3]

Portanto, as relações entre a metrópole não se limitam ao nível imperial ou internacional, também penetrando e estruturando toda a vida econômica, social e política das colônias e dos países da América Latina. Do mesmo modo que a capital colonial colonial e nacional, e seu setor exportador, se converte em satélite das metrópoles ibéricas (e posteriormente de outras) do sistema econômico mundial, o dito satélite se transforma, por sua vez, primeiramente em metrópole colonial, e depois nacional, em relação ao setor produtivo e à população do interior. Ademais, as capitais provincianas, que são por sua vez satélites da metrópole nacional e, através desta, das metrópoles mundiais, são também centros provinciais ao redor dos quais giram os satélites locais. Logo, toda uma cadeia de constelações de metrópoles e satélites relaciona todas as partes do conjunto do sistema, desde seu centro metropolitano na Europa ou nos Estados Unidos até o ponto mais distante do campo ou selva latino-americana.

Quando examinamos essa estrutura de metrópole e satélite, encontramos que cada um dos satélites, incluídos Espanha e Portugal -- atualmente subdesenvolvidos[2] --, serve como um instrumento para extrair capital ou excedente de seus próprios satélites e canalizar parte de seus excedentes para as metrópoles mundiais de que são satélites. Além disso, cada metrópole nacional e local serve para impor e manter a estrutura monopolista e as relações de exploração desse sistema (como o denomina o Instituto Indigenista do México) na medida em que serve aos interesses das metrópoles que se aproveitam dessa estrutura global, nacional e local para impulsionar seu próprio desenvolvimento e o enriquecimento de suas classes dominantes.

Essas são as principais características estruturais que os conquistadores implantaram na

---

[2] Recorde o leitor que este é um artigo de 1966, quando nem Espanha nem Portugal haviam iniciado sua aproximação às economias desenvolvidas, que se encontravam no momento culminante de sua expansão, o que Hobsbawm e outros autores chamaram de Era de Ouro do capitalismo.

América Latina e que ainda persistem. Mais além da análise da criação dessa estrutura colonial em seu contexto histórico, nosso enfoque propõe o estudo do desenvolvimento e do subdesenvolvimento dessas metrópoles e satélites da América Latina através do processo histórico que seguiu e que ainda continua. Desse modo, podemos entender por que havia e existem ainda tendências na estrutural capitalista mundial e latino-americana que parecem conduzir ao desenvolvimento da metrópole e ao subdesenvolvimento do satélite e por que, mais concretamente, as metrópoles de nível local, regional e nacional dos países satélite da América Latina encontram que seu desenvolvimento é, na melhor das hipóteses, um desenvolvimento limitado ou subdesenvolvimento.

III.

O subdesenvolvimento atual da América Latina é o resultado de séculos de participação no processo mundial de desenvolvimento do capitalismo, como creio ter demonstrado em meus estudos de caso da história social e econômica do Chile e do Brasil. [4] Meu estudo da histórica chilena indica que a conquista não só incorporou este país plenamente à expansão e ao desenvolvimento do mundo mercantilista e, depois, do sistema capitalista industrial, como também introduziu a estrutura monopolista de metrópole e satélites e o desenvolvimento do capitalismo na economia nacional e na sociedade chilenas. Essa estrutura penetrou e impregnou todo o conjunto do Chile rapidamente. Desde então e no decorrer da história mundial e do Chile nas épocas colonial, de livre-mercado, imperialista e até o presente, o Chile tem estado marcado cada vez mais pela estrutura social, econômica e política do subdesenvolvimento de tipo satélite. Esse desenvolvimento do subdesenvolvimento continua hoje, tanto na cada vez maior dependência chilena em relação às metrópoles mundias, como através da cada vez mais aguda polarização da economia doméstica chilena.

A história do Brasil é talvez o exemplo mais claro de desenvolvimento regional e nacional do subdesenvolvimento. A expansão da economia mundial desde o início do século XVI converteu sucessivamente o noroeste, o interior de Minas Gerais, o norte, o centro-sul (Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná) em economias exportadoras e os incorporou à estrutura e ao desenvolvimento do sistema capitalista mundial. Cada uma dessas regiões experimentou o que pode parecer um desenvolvimento econômico durante o período de suas respectivas idades douradas, mas era um desenvolvimento dependente que não era nem autogerado nem capaz de autoperpetuar-se. Quando o mercado ou a produtividade das 3 primeiras regiões diminuiu, tanto o interesse nacional como o estrangeiro por elas desapareceu e caíram condenadas a desenvolver o subdesenvolvimento que vivem atualmente. Na 4ª região, a economia do café teve um destino similar, mas não tão grave (ainda que o desenvolvimento de um substituto sintético do café ameace um golpe mortal num futuro não muito distante). Todas essas provas históricas contradizem as teses, geralmente aceitas, de que a América Latina sofre de uma sociedade dual ou da sobrevivência de instituições feudais e que estas são obstáculos importantes a seu desenvolvimento econômico.

IV

Durante a primeira guerra mundial, porém, e mais ainda durante a Grande Depressão e a Segunda Guerra Mundial, em São Paulo começou a crescer um tecido industrial que é atualmente o maior da América Latina. Surge a questão de se esse desenvolvimento pode ou não libertar o Brasil do ciclo de desenvolvimento dependente e subdesenvolvimento que tem caracterizado suas outras regiões e a história nacional dentro do sistema capitalista até hoje. Creio que a resposta é negativa.

Em nível nacional, as provas até este momento são claras. O desenvolvimento da indústria de São Paulo não trouxe maior riqueza a outras regiões do Brasil. Pelo contrário, as converteu em satélites dependentes internos, descapitalizando-os e consolidando ou, inclusive, aprofundando seu subdesenvolvimento. Há poucas provas que sugiram que esse processo vá a inverter-se em um futuro previsível, a não ser na medida em que os pobres das províncias emigrem e se convertam em pobres das cidades metropolitanas. A nível internacional, as provas mostram que, ainda que o desenvolvimento inicial da indústria de São Paulo tenha sido relativamente autônomo, está tornando-se paulatinamente subordinado pelas metrópoles do mundo capitalista e suas possibilidades de desenvolvimento em um futuro se estão vendo restringidas. [5] Meus estudos me levaram a supor que este será também um desenvolvimento limitado ou subdesenvolvido enquanto tenha lugar no marco político, social e econômico atual.

Devemos concluir, em resumo, que o subdesenvolvimento não se deve à sobrevivência de instituições arcaicas e à falta de capital em regiões que permaneceram isoladas da corrente geral da história. Ao contrário, o subdesenvolvimento foi e é gerado pelo processo histórico mesmo que gera o desenvolvimento econômico: o próprio desenvolvimento do capitalismo. Alegra-me afirmar que esta perspectiva está ganhando adeptos entre os pesquisadores da América Latina e está provando sua eficácia para lançar nova luz aos problemas desta zona e contribuir a uma melhor perspectiva para a formulação de uma teoria e medidas políticas. [6]

V

O mesmo enfoque histórico e estrutural pode também conduzir a melhores teorias e diretrizes de desenvolvimento gerando uma serie de hipóteses sobre desenvolvimento e subdesenvolvimento como as que estou provando em minhas atuais investigações. As hipóteses derivam-se das observações empíricas e das presunções teóricas que dentro desta estrutura metrópole-satélite que abarca o mundo inteiro, as metrópoles tendem ao desenvolvimento e os países satélites ao subdesenvolvimento. A primeira hipótese já foi mencionada mais acima: é dizer, que em contraste com o desenvolvimento da metrópole estrangeira que não é satélite de ninguém, o desenvolvimento das metrópoles subordinadas e nacionais está limitada por seu status de satélite. Esta hipótese é talvez mais difícil de provar que as seguintes, porque parte de sua confirmação depende da prova de demais hipóteses. Não obstante, está hipótese parece estar geralmente confirmada pela não autonomia e o não satisfatório desenvolvimento econômico e especialmente industrial das metrópoles nacionais da América Latina, como documentos dos estudos já citados. Os exemplos mais importantes e ao mesmo tempo mais confirmantes são as regiões metropolitanas de Buenos Aires e São Paulo, cujo crescimento só começou no século XIX,

que não foi obstaculizado por heranças coloniais, mas que é e segue sendo um desenvolvimento satélite amplamente dependente da metrópole exterior, primeiro da Grã-Bretanha e depois dos Estados Unidos.

Uma segunda hipótese é que os satélites sofrem seu maior desenvolvimento industrial capitalista clássico quando e ali onde seus laços com a metrópole são débeis. Esta hipótese é quase diametralmente oposta à tese geralmente aceita que o desenvolvimento dos países subdesenvolvidos é consequência do maior grau de contato com e a maior difusão desde os países desenvolvidos metropolitanos.Esta hipótese parece estar confirmada por duas classes de isolamento relativo que América Latina tem experimentado no curso de sua história. Um é o isolamento temporal causado pelas crises de guerra ou depressões nas metrópoles estrangeiras. À parte de algumas de menor importância, sobressaem cinco períodos de grandes crises que parecem confirmar a hipótese. Estes são: a depressão europeia (especialmente a espanhola) do século XVII, as guerras napoleônicas, a Primeira Guerra Mundial, a depressão dos anos 30 e a Segunda Guerra Mundial. Está claramente estabelecido e geralmente reconhecido que o desenvolvimento industrial recente mais importante - especialmente da Argentina, Brasil e México, mas também de outros países como Chile - tem tido lugar precisamente durante os períodos das grandes guerras e a depressão intermédia. Graças ao conseguinte enfraquecimento dos laços comerciais e da inversão durante esses períodos, os satélites iniciaram um crescimento marcado de industrialização autônoma. A investigação histórica demonstra que o mesmo sucedeu na América Latina durante a depressão europeia do século XVII. Cresceu a manufatura nos países latino-americanos e muitos destes, como o Chile, se converteram em exportadores de produtos manufaturados. As guerras napoleônicas fizeram brotar movimentos de independência na América Latina e isto deve talvez interpretar-se como uma confirmação, em parte, da hipótese do desenvolvimento.

A outra classe de isolamento que tende a confirmar a segunda hipótese é o isolamento geográfico e econômico de regiões que em um tempo estiveram relativa e debilmente integradas e unidas ao sistema mercantilista e capitalista. Minha investigação preliminar sugere que na América Latina foram essas regiões que iniciaram e experimentaram o mais promissor desenvolvimento econômico autogerado do mais clássico tipo industrial capitalista. Os casos regionais mais importantes são provavelmente Tucumán e Assunção, tanto como outros cidades como Mendoza e Rosário, no interior da Argentina e Paraguai, durante o final do século XVIII e começo do XIX. Os séculos XVIII e XIX em São Paulo, antes do cultivo do café ali se iniciar, são outros exemplos. Talvez Antioquía na Colômbia e Puebla e Querétaro no México, são outros exemplos. À sua maneira, Chile foi também um exemplo posto que, antes que a rota marítima ao redor de Hornos fosse aberta, este país estava relativamente isolado ao final de uma longa viagem da Europa via Panamá. Todas essas regiões se converteram em centros de manufatura e até de exportação, geralmente, de têxteis, durante o período que precedeu a sua incorporação efetiva como satélites do sistema capitalista mundial, colonial e nacional.

Claro está que, internacionalmente, o caso clássico de industrialização através da não-participação como satélite do sistema capitalista mundial é obviamente, o do Japão depois da Restauração Meiji. Porquê, podemos perguntar-nos, o pobre em recursos e não

satelitizado Japão foi capaz de se industrializar a fins do século, enquanto os países latino-americanos ricos em recursos e a Rússia, não foram capazes de fazê-lo e a última foi facilmente vencida pelo Japão na Guerra de 1904, depois dos mesmos 40 anos de esforços pelo desenvolvimento. A segunda hipótese sugere que a razão fundamental é que o Japão não foi satelitizado nem no período Tokugawa nem no Meiji e, portanto, não teve seu desenvolvimento estruturalmente limitado como os países que foram satelitizados.

VI

Um corolário da segunda hipótese é que, quando a metrópole se recuperava de sua crise e restabelecia os laços de comércio e inversão que reincorporavam totalmente os satélites para o sistema, ou quando a expansão metropolitana tratava de incorporar as regiões previamente isoladas ao sistema mundial, a industrialização e o desenvolvimento prévio destas regiões eram estrangulados ou canalizados em direções que não são autoperpetuadas nem promissoras. Isto sucedeu depois de cada uma das cinco crises citadas acima. A renovada expansão do comércio e a difusão do liberalismo econômico nos séculos XVIII e XIX estrangularam e fizeram retroceder o desenvolvimento da manufatura que havia tido a América Latina durante o século XVII e em alguns lugares ao começo do século XIX. Depois da Primeira Guerra Mundial, a nova indústria nacional do Brasil sofreu seria consequência pela invasão econômica norte-americana. O aumento na taxa de crescimento do produto bruto nacional e particularmente da industrialização em toda a América Latina foi também adiada e a indústria se tornou muito satelitizada depois da Segunda Guerra Mundial e especialmente depois da recuperação do pós-guerra coreano e a expansão da metrópole. Longe de haver se desenvolvido muito mais desde então, os setores industriais do Brasil e mais eminentemente da Argentina se voltaram estruturalmente mais e mais subdesenvolvidos e bem menos capazes de gerar a industrialização continuada e/ou o desenvolvimento econômico seguro. Este processo, que a Índia também sofre, está refletido em uma escala geral da balança de pagamentos, inflação e outras dificuldades econômicas e políticas, e promete não ceder ante nenhuma solução que não ofereça mudanças estruturais.

Nossas hipóteses sugerem que, fundamentalmente, o mesmo processo ocorreu, ainda mais dramaticamente, com a incorporação ao sistema de regiões previamente não satelitizadas. A expansão de Buenos Aires como satélite da Grã-Bretanha e a introdução do livre comércio em interesse dos grupos governantes de ambas metrópoles destruíram a manufatura e parte do que restava da base econômica do interior, previamente quase próspero. A manufatura foi destruída pela competência estrangeira, tomaram as terras e converteram em latifúndios pela economia voraz e crescente da exportação, a distribuição intra-regional da renda se tornou mais desigual e as regiões que se estavam desenvolvendo previamente se converteram em simples satélites de Buenos Aires e através deste último, de Londres. Os centros provinciais não capitularam sem luta ante a satelitização. Este conflito metrópole-satélite foi, no muito, a causa da larga luta armada e política entre os Unitaristas de Buenos Aires e os Federalistas das províncias e se pode dizer que foi a única causa importante da Guerra da Tríplice Aliança na qual Buenos Aires, Montevidéu e Rio de

Janeiro, encorajadas e ajudadas por Londres, destruíram não somente a economia autônoma em vias de desenvolvimento do Paraguai, mas quase mataram toda sua população que não aceitava submeter-se. Embora sem dúvidas este é o exemplo mais espetacular que tende a confirmar a hipótese, eu creio que a investigação histórica sobre a satelitização dos trabalhos agrícolas prévios, relativamente independentes, e das incipientes regiões manufatureiras, tais como as ilhas do Caribe, o confirmarão no futuro. [7] Estas regiões não tiveram nenhuma oportunidade contra as forças de desenvolvimento e expansão do capitalismo e seu próprio desenvolvimento teve que ser sacrificado ao dos demais. A economia e a indústria do Brasil, Argentina e outros países que sentiram os efeitos da recuperação metropolitana desde a Segunda Guerra Mundial sofrem muito hoje o mesmo destino, ainda que, por sorte, em menor grau.

VII

Uma terceira hipótese principal derivada da estrutura metrópole-satélite é que as regiões que estão atualmente mais subdesenvolvidas e com maior aspecto feudal são aquelas que tinham laços mais estreitos com a metrópole no passado. São as regiões que eram os maiores exportadores de matérias primas e as fontes principais de capital para a metrópole estrangeira e que foram abandonadas por esta quando por uma razão ou outra, os negócios decaíram. Esta hipótese contradiz a tese geralmente sustentada de que a fonte do subdesenvolvimento regional é seu isolamento e suas instituições pré- capitalistas. Essa hipótese parece estar amplamente confirmada pelo anterior desenvolvimento super-satélite e o presente grande subdesenvolvimento das, um dia exportadoras de açúcar, Antilhas, nordeste do Brasil, distritos exmineiros de Minas Gerais, no Brasil, terras altas do Peru, Bolívia e os estados centrais mexicanos de Guanajuato, Zacatecas e outros, cujos nomes se fizeram famosos por séculos pela sua prata. Certamente não existem maiores regiões na América Latina que sofram atualmente mais intensamente a maldição do subdesenvolvimento e da pobreza; porém, todas essas regiões, como Bengala na Índia, já foram provedoras do fluxo sanguíneo mercantil e do desenvolvimento capitalista industrial – da metrópole. A participação dessas regiões no desenvolvimento do sistema capitalista mundial lhes proporcionou, já em sua idade de ouro, as estruturas típicas do subdesenvolvimento de uma economia de exportação capitalista. Quando o mercado do açúcar ou da riqueza das minas desapareceu e as metrópoles as abandonaram ao seu próprio destino, suas já existentes estruturas econômicas, políticas e sociais proibiram a geração autônoma do desenvolvimento econômico e não lhes deixava outra alternativa a não ser voltarem-se a si mesmas e degenerar-se no ultra-subdesenvolvimento que atualmente encontramos nelas.

VIII

Estas considerações sugerem outras duas hipóteses relacionadas: uma é, que o latifúndio, sem ter em conta se hoje apresenta-se a nós como uma propriedade ou fazenda, nasceu tipicamente como empresa comercial que criou suas próprias instituições que lhe permitiram responder ao aumento da demanda no mercado nacional e mundial ampliando suas terras, seu capital e seu trabalho e incrementando o abastecimento de seus produtos. A quinta hipótese é que os latifúndios que pareciam isolados, baseados na subsistência e

semi-feudais, atualmente viram diminuir a demanda de seus produtos e de sua capacidade produtiva. Estes se encontram principalmente nas antes mencionadas regiões de exportação mineira e agrícola, cujas atividades econômicas decaíram em geral. Estas duas hipóteses correm lado a lado com a noção de muita gente e a opinião de alguns historiadores e outros estudiosos sobre o assunto, de acordo com as quais as raízes históricas e as causas socioeconômicas dos latifúndios e das instituições da América Latina devem ser buscadas na transferência das instituições feudais da Europa e/ou nas depressões econômicas.

A evidência para provar estas hipóteses não se abre facilmente à inspeção geral e requer uma análise detalhada de muitos casos. Não obstante, pode-se obter certa evidência importante confirmatória.

O aumento dos latifúndios na Argentina e em Cuba, durante o século XIX é um caso claro em apoio da quarta hipótese, e de nenhuma maneira pode ser atribuído à transferência de instituições feudais durante os tempos coloniais. É evidentemente o mesmo que acontece no ressurgimento dos latifúndios particulares pós-revolucionários e contemporâneos no norte do México, que produzem para o mercado norte-americano, de outros semelhantes na costa do Peru, e nas novas regiões de café no Brasil. A conversão das ilhas do Caribe, tais como Barbados, de fazendas agrícolas em economias exportadoras de açúcar em distintas épocas, entre os séculos XVII e XX, e o aumento resultante dos latifúndios nestas ilhas, também parecem confirmar a quarta hipótese; o aumento do latifúndio e a criação das instituições de servidão, que mais tarde foram chamadas feudais, ocorreram no século XVIII e tem sido conclusivas em demonstrar que foram resultado da abertura de um mercado de trigo chileno em Lima. [8] Mesmo o aumento e a consolidação do latifúndio no México do século XVIII – que a maioria dos estudiosos especializados tem atribuído a uma depressão na economia causada pela baixa da mineração e uma escassez de mão de obra índia e à conseguinte introversão e ruralização da economia – ocorreu em um momento em que a população urbana e a demanda cresciam, a carência de produtos alimentícios se tornou mais aguda, os preços alcançaram níveis altíssimos e o aproveitamento de outras atividades econômicas tais como mineração e comércio exterior declinou. [9] Estes e outros fatores tornaram mais proveitosa a agricultura nas fazendas. E assim, até este caso parece confirmar a hipótese de que o crescimento do latifúndio e suas condições de servidão, ao parecerem feudais, na América Latina têm sido sempre e são uma resposta comercial à crescente demanda, e que não representa a transferência ou superveniência de instituições outras que se tenham mantido fora do alcance do desenvolvimento capitalista. O surgimento dos latifúndios, que atualmente estão verdadeiramente, mais ou menos (embora não totalmente) isolados, pode ser atribuído às causas explicadas na quinta hipótese; quer dizer, o declínio das empresas agrícolas proveitosas estabelecidas anteriormente, cujo capital era e cujo excedente econômico correntemente produzido ainda é transferido a outro lugar por proprietários e negociantes, que frequentemente são as mesmas pessoas ou famílias. Provar esta hipótese requer uma análise ainda mais detalhada, parte da qual começa num estudo sobre a agricultura brasileira. [10]

IX

Todas estas hipóteses e estudos sugerem que a extensão global e a unidade do sistema capitalista, sua estrutura monopolista e seu desenvolvimento desigual em um transcurso da história e a conseguinte persistência do capitalismo mais comercial que industrial no mundo subdesenvolvido (incluindo seus países mais adiantados industrialmente) merecem muito mais atenção no estudo do desenvolvimento econômico e mudança cultural do que a que têm recebido até hoje. Porque, embora a ciência e a verdade não reconheçam fronteiras, serão provavelmente as novas gerações de cientistas dos próprios países subdesenvolvidos os que mais precisam e mais poderão dedicar a atenção necessária a estes problemas e esclarecer o processo do subdesenvolvimento e do desenvolvimento. É a eles a quem no último momento se designará a tarefa de mudar este já não aceitável processo e eliminar essa realidade miserável.

Não serão capazes de alcançar estes objetos se importarem estereótipos estéreis das metrópoles, que não correspondem à sua realidade econômica de satélites e não respondem a suas necessidades de liberação política. Para mudarem a sua realidade, devem primeiro compreendê-la. Por isso eu espero que uma maior confirmação destas hipóteses e um maior empenho no enfoque proposto, política e estruturalmente, possa ajudar aos povos dos países subdesenvolvidos a compreender as causas e eliminar a realidade do desenvolvimento de seu subdesenvolvimento e do subdesenvolvimento de seu desenvolvimento.

Referências bibliográficas

[1] *América Latina,* ano 6, nº 4, outubro-dezembro de 1963, p. 8.
[2] Instituto Nacional Indigenista, *Los centros coordinadores indigenistas*, México, 1962, p. 34.
[3] Ibid. p, 33-34, 88.
[4] ''Capitalist development and unvderdevelopment in Chile'' e ''Capitalist development and underdevelopment in Brazil'', em *Capitalism and Development in Latin America*, Nova York, Monthly Review Press, 1967. (Há tradução em castellano: ''Capitalismo e subdesarollo en Chile'' e ''Capitalismo y subdesarollo en Brasil'', em Capitalismo y subdesarollo en America Latina, México, Siglo Veintiuno, 1982. T.)
[5] Veja-se também: ''The growth and decline of import substitution'', em *Economic bulletin for Latin America* IX, nº 1, Nova York, março de 1964; Celso Furtado, Dialectica do desenvolvimiento, Fondo de Cultura Económica, 1964.
[6] Outros autores que utilizam um enfoque similar, ainda que suas ideologias não lhes permitam tirar as conclusões lógicas que se derivam, são Aníbal Pinto S. C., *Chile, un caso de desarollo frustrado*, Santigago, Editorial Universitaria, 1957; Celso Furtado, *A formação econômica do Brasil*, Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1959; e Caio Prado Júnior, *História Econômica do Brasil*, São Paulo, Editora brasiliense, 1962.
[7] Veja-se, por exemplo, Ramón Guerra y Sánchez, Azúcar y población en las Antillas, La Habana, 1942.
[8] Mario Góngora, *Origen de los inquillinos de Chile central*, Santiago de Chile, Editorial Universitaria, 1960; Jean Borde e Mario Góngora, *Evolución de la propriedad rural en el valle del Puango*, Santiago de Chile, Instituto de Sociologia de la Universidad de Chile;

Sergio Sepúlveda, *El trigo chileno en el mercado mundial*, Santiago de Chile, Editorial Universitaria, 1959.

[9] Woodrow Borah faz da depressão o eixo de sua explicação em ''New Spain's century of Depresión'', em *Ibero-Americana*, nº 35, Berkeley, 1951. François Chevalier fala de um giro sobre si mesmo no estudo mais sério sobre o tema: ''*La formación de los grandes latifundios em Mexico*'', em *Problemas Agrícolas e Industriales de México* VIII, nº 1, México, 1956 (traduzido do francês). Os dados que constituem a base de minha interpretação contrária são os que proporcionam esses mesmos autores. O problema é discutido em meu artigo ''Con qué modo de producción convierte la gallina maiz en huevos de oro'', em *El gallo illustrado*, suplemento de *El dia*, números 175 e 179, México, 31 de outubro e 28 de novembro de 1965, e é analisado em um estudo da agricultura mexicana que prepara o autor.

[10] ''Capitalism and the Mith of Feudalism in Brazilian Agriculture'', em Capitalism and Underdevelopment in Latin America, Nova York, Monthly Review Press, 1967 (ver nota 4).